

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Idadismo em Ambientes de Atividade Física e de Esportes: Percepções e Entendimentos de Profissionais de Educação Física

Neide Alessandra Périgo Nascimento, Rosângela Villa Marin Mio, Douglas Roque Andrade

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14372>

Submetido em: 2025-12-01

Postado em: 2025-12-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Idadismo em Ambientes de Atividade Física e de Esportes: Percepções e Entendimentos de Profissionais de Educação Física.

Neide Alessandra Périgo Nascimento¹

<https://orcid.org/0000-0002-2589-6160>

neidealesp@gmail.com

Rosângela Villa Marin Mio²

<https://orcid.org/0000-0001-6531-6282>

rosevillamarin@uol.com.br

Douglas Roque Andrade¹

<https://orcid.org/0000-0001-5135-582X>

douglas.andrade@usp.br

¹ Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP).

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Resumo

Introdução: O idadismo caracteriza-se pelo uso da idade como critério para classificar e discriminar indivíduos, afetando especialmente a população idosa. **Objetivo:** analisar como os profissionais de Educação Física das equipes dos programas de atividades físico-esportivas das unidades do Sesc do Estado de São Paulo identificam o idadismo no serviço. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e quantitativa, com aplicação de questionário online, construído com base em duas rodas de conversa. Os relatos foram sistematizados em categorias analíticas e codificados. As associações foram analisadas pelo teste do qui-quadrado (χ^2) no SPSS. **Resultados:** 283 profissionais responderam ao questionário. Houve predominância do idadismo interpessoal (76,8%), com maior frequência entre o público (51,4%) e entre os educadores (23,7%). As pessoas idosas foram as mais afetadas (79,1%). Houve associação, com predominância de homens, em casos de idadismo em relação às mulheres ($p = 0,001$). O ginásio teve o maior número de casos (25,4%). **Conclusão:** O idadismo está presente nos ambientes de atividade física. São necessárias ações de sensibilização, formação continuada e práticas intergeracionais, alinhadas à Década do Envelhecimento Saudável da OMS, visando ao respeito à diversidade etária.

Palavras-chave: Idadismo; Pessoas Idosas; Atividade física; Profissionais.

Abstract

Ageism in Physical Activity and Sports Settings: Perceptions and Understandings of Physical Education Professionals.

Introduction: The use of age characterizes ageism as a criterion for classifying and discriminating against individuals, particularly affecting older people. **Objective:** To analyze how Physical Education professionals from the sports and physical activity program teams at Sesc units in the State of São Paulo understand and identify ageism in their service. **Methodology:** This was a descriptive, exploratory, and quantitative study that employed an online questionnaire developed from two focus group discussions. The reports were systematized into analytical categories and coded. Associations were analyzed using the chi-square test (χ^2) in SPSS. **Results:** 283 professionals responded to the questionnaire. Interpersonal ageism was predominant (76.8%), occurring most frequently among the public (51.4%) and then among educators (23.7%). Older people were the most affected (79.1%). There was an association, with a predominance of men, in cases of ageism against women ($p = 0.001$). The gymnasium showed the highest number of cases (25.4%). **Conclusion:** Ageism is present in physical activity environments. Awareness campaigns, continuous training, and intergenerational practices, aligned with the WHO Decade of Healthy Ageing, are necessary to promote respect for age diversity.

Keywords: Ageism; Older people; Physical Activity; Professionals.

Resumen

Edadismo en Ámbitos de Actividad Física y Deporte: Percepciones y Comprensiones de los Profesionales de Educación Física.

Introducción: El edadismo se caracteriza por emplear la edad como criterio para clasificar y discriminar, afectando a las personas mayores. **Objetivo:** Analizar cómo los profesionales de Educación Física de los programas físico-deportivos del Sesc-SP comprenden e identifican el edadismo en su servicio. **Metodología:** investigación descriptiva, exploratoria y cuantitativa, con un cuestionario en línea basado en dos grupos focales. Los relatos se sistematizaron en categorías analíticas y se codificaron. Las asociaciones se analizaron mediante el test de chi-cuadrado (χ^2) en SPSS. **Resultados:** 283 profesionales respondieron. Predominó el edadismo interpersonal (76,8%), más frecuente entre el público (51,4%) y los educadores (23,7%). Las personas mayores fueron las más afectadas (79,1%). Hubo asociación ($p=0,001$) con predominio masculino en el edadismo hacia las mujeres. El gimnasio concentró el mayor número de casos (25,4%). **Conclusión:** El edadismo está presente en entornos de actividad física. Se requieren acciones de sensibilización, formación continua y prácticas intergeneracionales, alineadas con la Década del Envejecimiento Saludable de la OMS, para promover el respeto a la diversidad etaria.

Palabras clave: Edadismo; Personas Mayores; Actividad Física; Profesionales.

INTRODUÇÃO

A Organização Pan-Americana da Saúde¹ (p. 2) destaca que o Idadismo se manifesta: “quando a idade é usada para categorizar e dividir as pessoas de maneira a causar prejuízos, desvantagens e injustiças”. O público idoso é o grupo mais afetado, porém, qualquer faixa etária pode apresentar idadismo^{2,3}.

O primeiro a utilizar o termo “idadismo” foi o gerontologista, psiquiatra e escritor americano Robert Butler, em 1969⁴. Ele o descreve como uma forma de intolerância manifestada pela população adulta em relação ao público idoso, no contexto da habitação pública. Esse tipo de preconceito é frequente, bastante sutil, assume diversas formas e está presente em praticamente todas as áreas da sociedade⁵.

Palmore⁵ distingue o idadismo em dois componentes: preconceito (crenças equivocadas) e discriminação (ações negativas decorrentes)². Trentham e Neysmith⁶ complementam, explicando que a discriminação leva a ações que ignoram as necessidades de pessoas idosas, como se evidencia em ambientes de cuidados de saúde, organizações sociais, áreas de emprego, agências governamentais e na habitação familiar.

Sobre os tipos de idadismo, a OPAS¹ (p. 3) e Simões³ explicam que pode ser interpessoal, institucional ou contra si próprio. O interpessoal “surge nas interações entre dois ou mais indivíduos”. O institucional compreende as “leis, regras, normas sociais, políticas e práticas institucionais que restringem injustamente as oportunidades e prejudicam sistematicamente os indivíduos em função da idade deles”, e o contra si próprio ocorre quando o idadismo é “internalizado pela pessoa e usado contra ela mesma”.

O idadismo também pode ser definido como a interseccionalidade do preconceito de idade e sexo e pode levar a uma maior vulnerabilidade e consequências que podem impactar na saúde e no bem-estar de mulheres mais velhas^{7,8}.

Já o preconceito e os estereótipos etários têm demonstrado influência significativa sobre o funcionamento cognitivo e físico das pessoas idosas². Neste sentido, a responsabilidade dos profissionais de saúde é estarem familiarizados com as implicações dos estereótipos, tanto do ponto de vista profissional quanto da autoestereotipagem das pessoas idosas.

Levy⁹ aponta que pessoas idosas que sofrem mais discriminação etária são menos propensas a praticar atividades físicas, um comportamento mediado pela autopercepção do envelhecimento. Linguagem paternalista de profissionais de saúde, por exemplo, pode reforçar crenças negativas.

Nakamura *et al.*¹⁰ explicam que pesquisas sobre o assunto demonstraram que as crenças sobre a idade estão associadas à saúde de pessoas idosas, ao examinar 35 desfechos de saúde em um único conjunto de modelos. Em uma amostra de participantes com idade mediana de 64 anos, a satisfação com o envelhecimento foi associada à saúde física subsequente (por exemplo, doenças cardíacas), ao sofrimento psicológico (como depressão) e a comportamentos de saúde (como problemas de sono) ao longo de quatro anos de acompanhamento.

Com relação aos profissionais de Educação Física que atuam diretamente com pessoas idosas, é importante analisar não só se os programas de exercícios físicos são os mais adequados e eficientes para este público, mas também se esta categoria está preparada para atuar com este público, sem praticar preconceitos e/ou discriminação no convívio.

Segundo Moreira *et al.*¹¹, aspectos como a forma de relacionamento, o atendimento e a abordagem dos profissionais podem influenciar tanto o início quanto a manutenção da prática de atividades físicas por parte deste público.

Em razão da importância da atuação dos profissionais de saúde junto às pessoas idosas, entre outras questões oriundas desta temática, a Organização Mundial da Saúde (OMS) instituiu o período de 2021 a 2030 como a Década do Envelhecimento Saudável. É a principal estratégia para alcançar e apoiar ações de construção de uma sociedade para todas as idades¹.

Neste sentido, verifica-se que, para um atendimento adequado a este público, é importante que profissionais de várias áreas, principalmente as sociais e as da saúde, interajam, discutam e reflitam, para que possam ofertar serviços convergentes e de qualidade e saibam abordar e atender os diversos públicos sem cometer preconceitos de maneira geral.

Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar como os profissionais de Educação Física, das equipes dos programas de atividades físico-esportivas das unidades do Sesc do Estado de São Paulo, compreendem e identificam o idadismo no serviço.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, exploratória e quantitativa. Foi realizada por meio da aplicação de um questionário online, criado para a pesquisa e direcionado aos profissionais de Educação Física atuantes nas unidades do Sesc São Paulo.

O questionário tem como objetivo trazer ao investigador respostas para o estudo de maneira direta e simples¹². O objetivo principal do questionário foi solicitar aos

profissionais das equipes físico-esportivas das unidades do Sesc SP relatos de casos de idadismo presenciados por eles, com ou sem participação ativa.

Para a criação do questionário, inicialmente foram realizadas duas rodas de conversa¹³ virtuais com um grupo da área físico-esportiva das equipes das unidades do Sesc SP, composto por dois supervisores(as) de esportes, três monitores(as) de esportes e cinco educadores(as) de atividades físico-esportivas, totalizando dez participantes. A seleção dos profissionais considerou a atuação com públicos de diferentes faixas etárias e a participação na gestão de equipes que atendem os frequentadores da instituição.

Nessas rodas de conversa, com duração de duas horas cada, foram discutidos temas relacionados ao idadismo e seus correlatos (envelhecimento, atuação do profissional com públicos de diversas faixas etárias, intergeracionalidade e objetivos técnicos das aulas), com o objetivo de levantar conteúdos e casos que servissem de base à elaboração do questionário.

Em seguida, com o intuito de verificar a clareza e a pertinência dos itens do questionário, realizou-se uma aplicação “piloto” com 17 profissionais de Educação Física da Gerência de Desenvolvimento Físico e Esportivo do Sesc SP. Após essa etapa, o instrumento foi revisado e finalizado para aplicação nas equipes das unidades do Sesc SP. A aplicação final do questionário ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2024, com o retorno de 283 profissionais que preencheram o questionário.

O questionário consistiu em 11 (onze) questões, das quais 10 (dez) de natureza fechada e 1 (uma) aberta, destinado ao relato de situações de idadismo vivenciadas ou testemunhadas nas unidades do Sesc SP, independentemente da participação ativa dos respondentes. A aplicação do questionário na plataforma Google Docs ampliou o alcance

da pesquisa, permitindo a participação de profissionais de Educação Física de diferentes unidades da instituição.

Após a leitura e discussão das respostas, os relatos foram sistematizados em categorias analíticas e codificados de acordo com os objetivos do estudo. A análise de conteúdo do tipo categorial temática foi empregada para organizar e interpretar os dados qualitativos, permitindo a extração de diferentes dimensões presentes nos relatos sobre situações de idadeísmo¹⁴.

Com base na classificação proposta pela OPAS¹⁵, os relatos foram categorizados em três manifestações do idadeísmo: Interpessoal, Institucional e Autodirigido.

Quanto ao desfecho das situações, estabeleceram-se três eixos: *positivo* - quando a situação obteve resolução adequada; *negativo* - quando a situação terminou de forma inadequada; *sem desfecho* - quando a situação não apresentou conclusão.

Para identificar quem cometeu e quem sofreu o idadeísmo, criaram-se as seguintes categorias: *da equipe para o público* - funcionário como agente e frequentador como pessoa acometida; *do público para a equipe* - frequentador como agente e funcionário como pessoa acometida; *entre a equipe* - preconceito entre funcionários; *entre frequentadores* - preconceito exclusivamente entre o público das unidades.

Faixa etária dos envolvidos (tanto para quem foi acometido quanto para os agentes): pessoas idosas (identificadas pelos termos "idoso", "idosa", "senhor", "senhora" ou "pessoa idosa"); adultos; jovens; e crianças.

Quando os funcionários foram identificados como agentes, categorizaram-se por função: educadores de atividades físico-esportivas; auxiliares de atendimento e serviços

administrativos; ambos; não funcionários; guardiões de piscina; editores Web; não especificado; e supervisor de esportes.

Para identificar o sexo de quem cometeu e de quem sofreu o idadismo: *masculino; feminino; ambos; não citado*.

Por fim, categorizou-se o espaço físico onde o idadismo ocorreu: *sala de Ginástica Multifuncional - GMF; piscina; sala de práticas corporais; ginásio; central de atendimento; diversos locais da Unidade; não citado; comedoria; campo society*.

Essa sistematização permitiu uma análise estruturada e abrangente das múltiplas dimensões do idadismo manifestadas nos relatos coletados.

Análise dos dados

Essa etapa teve como objetivo caracterizar a amostra e apresentar uma visão geral do perfil dos participantes, antes das análises inferenciais. Os dados foram inicialmente analisados de forma descritiva. As variáveis contínuas foram apresentadas por meio de média e desvio padrão, enquanto as variáveis categóricas foram descritas em frequências absolutas e relativas (n e %).

Para a análise de associação entre variáveis categóricas, utilizou-se o teste do qui-quadrado (χ^2). Adotamos o nível de significância de $p < 0,05$ para todas as análises. Os procedimentos estatísticos foram realizados no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 26.0 (IBM Corp., Armonk, NY, EUA).

Este estudo está em conformidade com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012 e nº 510/2016, que tratam da ética em pesquisa com seres humanos, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo – Escola

de Artes, Ciências e Humanidades (CEP nº 6.416.921). Todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Participaram do estudo 283 profissionais de Educação Física vinculados às equipes físico-esportivas das unidades do Sesc SP, com idade média de 41 anos e tempo médio de atuação de 11 anos. Dentre os respondentes, 177 (62,5%) relataram ter vivenciado ao menos um episódio de idadismo, enquanto 106 (37,5%) afirmaram não ter presenciado situações desse tipo. No total, foram registrados 305 relatos de idadismo, com uma variação de 1 a 3 episódios por respondente.

Tabela 1 – Características descritivas – frequência absoluta (n) e relativa (%) dos profissionais de Educação Física das unidades do Sesc São Paulo, 2024.

Variável	Categoria/Estatística	n	%
Sexo	Feminino	142	50,2
	Masculino	141	49,8
Raça/Cor	Amarela	17	6,0
	Branca	165	58,3
	Indígena	2	0,7
	Parda	45	15,9
	Preta	52	18,4
	Não identificada	2	0,7
Identidade de gênero	CIS (não especificado)	9	3,2
	Cisgênero	1	0,4
	Homem cisgênero	136	48,1
	Mulher cisgênero	135	47,7
	Mulher transgênero	1	0,4
	Não identificado	1	0,4
Estado civil	Casado(a)	165	58,3
	Divorciado(a)	33	11,7
	Solteiro(a)	82	29,0
	Não informado	2	0,7
Local de atuação (Sesc SP)	Capital	167	66,1
	Interior/Litoral	96	33,9

Entre os 177 (62,5%) profissionais que relataram episódios de idadismo, a maioria dos casos foi classificada como idadismo interpessoal, o que correspondeu a 76,8% dos relatos. Sobre o desfecho do caso, categorizado como positivo, negativo ou sem desfecho, dos 177 relatos de idadismo analisados, 48% apresentaram desfecho considerado positivo, ou seja, os casos foram reconhecidos e encaminhados de forma adequada. Por outro lado, 17,5% dos episódios tiveram desfecho negativo, o que indica que a situação não foi resolvida satisfatoriamente. Além disso, 34,5% dos relatos não apresentaram desfecho.

Entre os relatos analisados, a maioria das situações de idadismo ocorreu entre o público que está nas unidades do Sesc SP, o que corresponde a 51,4% dos casos. Isso indica que o preconceito etário se manifesta com frequência nas interações entre os frequentadores, independentemente da equipe técnica.

Já entre 36,2% dos relatos, o idadismo foi identificado nas relações entre a equipe e o público, ou seja, partindo dos profissionais para os frequentadores. Especificamente, apenas 1,1% dos casos envolveram situações em que o público foi o agente do idadismo contra a equipe, enquanto 11,3% ocorreram entre os membros da equipe.

Quanto à distribuição das ocorrências de idadismo segundo o público-alvo identificado pelos 177 profissionais participantes do estudo, os dados revelam que a maioria das situações de idadismo relatadas teve como alvo pessoas idosas, o que corresponde a 79,1% dos casos ($n = 140$). Em seguida, adultos foram mencionados em 16,9% das ocorrências ($n = 30$), o que indica que o idadismo também pode afetar indivíduos fora da faixa etária considerada acima dos 60 anos, em menor escala. Casos envolvendo crianças (2,3%, $n = 4$) e jovens (0,6%, $n = 1$) foram raros, e apenas 2 casos (1,1%) não mencionaram o público-alvo.

Dentre os funcionários, os educadores de atividades físico-esportivas foram os mais frequentemente mencionados como agentes de idadismo, representando 23,7% dos casos — o que pode ser influenciado pelo fato de também serem os relatores do idadismo. Os profissionais da área de atendimento ao público participaram de 5,6% dos episódios. Outros cargos também foram mencionados, como guardião de piscina (2,3%), editor web (0,6%) e supervisor de esportes (0,6%). Em 13,6% dos relatos, as pessoas que cometeram o fato não foram especificadas.

Entre os registros que especificaram o gênero ao cometer idadismo, pessoas do gênero masculino cometeram mais idadismo (20,3%) do que as do gênero feminino (15,3%). Por outro lado, pessoas do gênero feminino foram mais atingidas (26%) do que as do gênero masculino (15,3%), indicando que as mulheres podem estar mais expostas ou mais propensas a casos de idadismo.

Entre os 177 relatos analisados, o ginásio foi o local mais citado para a ocorrência de idadismo, concentrando 25,4% dos casos. A sala de GMF aparece em segundo lugar, com 18,1%, seguida pela piscina, com 10,2%. Outros ambientes mencionados incluem: sala de práticas corporais (2,3%); central de atendimento (2,8%); comedoria (1,7%); campo society (0,6%) e diversos locais da unidade (5,6%). Em 33,3% dos relatos, o local do fato não foi mencionado.

Na associação entre o tipo de idadismo (interpessoal, institucional e autodirigido) e o contexto em que ocorreu (entre equipe e público, dentro da equipe ou entre o público), a Tabela 2 apresenta os resultados.

Tabela 2 - Tipos de idadismo, relação entre o público e a equipe do Sesc SP, 2024.

Tipo de Idadismo	Equipe x público	Público x equipe	Equipe	Público	Total
Interpessoal	55	2	14	65*	136
Institucional	7	0	3	0	10
Autodirigido	2	0	3	26	31
Total	64	2	20	91	177

Teste χ^2 - $p < 0,001$.

Com relação à análise cruzada entre o tipo de idadismo e o grupo de pessoas que o apresentaram, a Tabela 3 apresenta os resultados.

Tabela 3 – Tipos de idadismo e grupos de pessoas que cometeram no Sesc SP, 2024.

Tipo de Idadismo	Educador	Atendimento	Ambos	Público	Guardião de piscina	Editor Web	Não especificado	Supervisor de esportes	Total
Interpessoal	38	7	4	68*	4	1	14	0	136
Institucional	2	3	0	1	0	0	3	1	10
Autodirigido	2	0	0	22	0	0	7	0	31
Total	42	10	4	91	4	1	24	1	177

Associação estatisticamente significativa entre o tipo de idadismo e o perfil de quem o cometeu (χ^2 - $p < 0,001$).

É possível observar uma associação significativa entre o idadismo interpessoal e o público-alvo. O idadismo institucional esteve mais associado a funcionários da central de atendimento e a casos não especificados, enquanto o autodirigido ocorreu principalmente entre o público.

O predomínio do idadismo foi observado entre pessoas idosas e no público, totalizando 140 casos (79,1% do total de 177 registros). Já da equipe contra o público, foram 64 casos, dos quais 54 contra pessoas idosas (84,4%). Os casos relacionados apenas à equipe foram 20.

Quanto ao gênero das pessoas que cometeram idadismo, o masculino apresenta o maior número de fatos contra pessoas do sexo feminino, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4 – Gênero do grupo etário que cometeu e do grupo etário a quem foi acometido no Sesc SP, 2024.

Gênero da pessoa que cometeu idadismo	Gênero de quem foi acometido				Total
	Masculino	Feminino	Ambos	Não citado	
Masculino	8	11*	0	17	36
Feminino	2	17	0	8	27
Ambos	0	0	0	1	1
Não declarado	17	18	1	77	113
Total	27	46	1	103	177

Teste χ^2 - p = 0,001.

É possível observar uma associação significativa entre o gênero de quem cometeu o idadismo e o de quem foi acometido. Os padrões mostram predominância de ocorrências masculinas em relação às femininas (p=0,001).

A tabela 5 apresenta os locais em que ocorreu o idadismo e contra qual público, especificamente.

Tabela 5 - Quem cometeu idadismo e o local de ocorrência no Sesc SP, 2024.

Quem cometeu idadismo	Local da ocorrência									Total
	GMF	Piscina	Sala de práticas	Ginásio	Central de atendimento	Comedor	Campo	Não citado	Diversos	
Pessoas idosas	9	3	1	8	0	0	0	16	2	39
Adultos	23*	15	3	23*	5	3	0	40	7	119
Jovens	0	0	0	12	0	0	1	0	0	13
Crianças	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Não mencionado	0	0	0	2	0	0	0	3	0	5
Total	32	18	4	45	5	3	1	59	10	177

Associação estatisticamente significativa entre quem cometeu idadismo e o local de ocorrência ($\chi^2 = 4,00$; $p = 0,001$).

De acordo com os resultados apresentados, houve uma associação significativa entre quem cometeu o idadismo e o local da ocorrência. A maioria dos casos ocorreu em espaços como o ginásio, a sala de GMF, a piscina e ambientes não especificados, e a predominância foi observada no grupo adulto (119 de 177), com presença em praticamente todos os locais.

DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que o idadismo é majoritariamente dirigido a pessoas de 60 anos ou mais, reforçando a prevalência desse preconceito em ambientes esportivos que tendem a valorizar a juventude e o desempenho. O idadismo interpessoal foi a forma mais comum, indicando que o preconceito se manifesta nas interações cotidianas, muitas vezes de forma sutil e não intencional, conforme apontam Levy⁹ e Palmore⁵. Essa prevalência reforça a necessidade de intervenções formativas que abordem o olhar e a postura dos profissionais de Educação Física, pois é justamente nesses encontros que o preconceito se concretiza.

Um estudo intergeracional com universitários espanhóis evidenciou que atividades reflexivas podem promover a metacognição e a conscientização sobre o idadismo. Os participantes demonstraram atitudes mais positivas em relação aos avós do que aos idosos em geral, o que evidencia o impacto dos vínculos afetivos. Além disso, observou-se que muitos estudantes não tinham consciência prévia do preconceito etário, sendo o gênero um fator relevante — com maior tendência ao idadismo entre os homens. Esses achados reforçam o papel da educação biopsicossocial e das intervenções

intergeracionais como estratégias eficazes para enfrentar o idadismo, especialmente no contexto da Década do Envelhecimento Saudável (2020–2030).¹⁶

Araujo *et al.*¹⁷ explicam que o idadismo é menos aprofundado do que outras formas de discriminação, havendo poucos estudos que examinam explicitamente as suas manifestações. É pouco discutido em nossa sociedade quando comparado a outras formas de preconceito.¹⁸

Jin e Harvey¹⁹ destacam que estereótipos relacionados à idade estão presentes de forma recorrente na vida dos adultos mais velhos, especialmente em contextos como saúde, trabalho, educação, mídia e atividades físicas^{20,21,22}. Embora o idadismo esteja se tornando mais comum, ele frequentemente se manifesta de forma sutil e é percebido como justificável por quem o pratica, enquanto as vítimas nem sempre reconhecem a discriminação. Essa forma de preconceito pode prejudicar a saúde e o bem-estar das pessoas idosas socialmente estigmatizadas.^{23, 24, 25}

Ainda, de acordo com Greenlees *et al.*²⁶, o idadismo tem sido descrito como uma das formas de preconceito mais toleradas e institucionalizadas no mundo. No estudo conduzido pelos referidos pesquisadores²⁶, investigou-se como o status de exercício físico e de atividade social relatado por adultos mais velhos (65 anos) influenciou a forma como são percebidos por diferentes faixas etárias. Os resultados mostraram que pessoas idosas fisicamente inativas foram percebidas como menos calorosas e menos competentes do que aqueles ativos ou com contato social. O estudo sugere que a prática de exercícios e atividades sociais pode ajudar a reduzir o preconceito etário.^{27,28}

Na pesquisa, chama a atenção que, entre os 305 relatos de idadismo, 106 participantes (37,5%) afirmaram não ter presenciado situações desse tipo. Esse dado pode reforçar as reflexões dos autores mencionados anteriormente, ao sugerir a existência de

uma certa tolerância ou até mesmo de uma percepção de “normalidade” em relação a um preconceito que, infelizmente, permeia as relações interpessoais e diversas esferas sociais.

No campo da saúde, o idadismo se expressa por meio de atitudes e práticas tendenciosas e veladas relacionadas à idade que privilegiam pessoas mais jovens em detrimento das mais velhas no uso dos recursos e serviços de saúde, tais como acesso a tratamento de alto custo, intervenção cirúrgica, leitos de Unidade de Terapia Intensiva, entre outros.¹⁷ Os autores explicam que há poucas evidências científicas que sustentem o processo de trabalho dos profissionais de saúde para atenuar os impactos do idadismo na velhice.

A presente pesquisa também revelou a incidência de idadismo, com 36,2% das pessoas da equipe do Sesc SP, sobretudo entre os educadores de atividades físico-esportivas. Este dado aponta para a necessidade de ações educativas e de sensibilização não apenas voltadas aos frequentadores, mas também aos profissionais que atuam diretamente com o público.

Na pesquisa documental de Honorato *et al.*²⁹, para avaliar o envelhecimento e a saúde no currículo do curso de Educação Física Bacharelado das Universidades Estaduais do Paraná, os resultados apontam fragilidade na formação dos profissionais da Educação Física para atuação nestas áreas.

Além disso, segundo os autores, a temática do envelhecimento se faz presente em disciplinas não específicas, isto é, que abordam, além desta temática, outras populações, e, mesmo assim, estas disciplinas possuem pouca carga horária, às vezes até com duração de apenas um semestre.

Corroborando os resultados acima, na pesquisa americana de Vowels e Crandall³⁰, que descreve o conhecimento dos estudantes de Ciências do Exercício sobre o envelhecimento e suas atitudes em relação aos adultos mais velhos, 76 participantes responderam à Escala de Idadismo de Fabroni e ao Quiz de Fatos sobre Envelhecimento de Palmore. De acordo com os autores, os resultados mostraram que os estudantes do curso de Ciências do Exercício têm baixo nível de conhecimento sobre envelhecimento e sugeriram aprimorar estratégias educacionais para preparar os estudantes para trabalhar com adultos mais velhos.

Já a pesquisa de Kusy *et al.*⁷ que examinou as atitudes de estudantes de educação física que pretendiam atuar profissionalmente na área de Educação Física e esportes, em relação a atletas veteranos de atletismo competitivo, contrasta com a maioria dos estudos realizados com estudantes de outras áreas, nos quais foram relatadas atitudes predominantemente negativas. Os 174 estudantes, com idades entre 20 e 23 anos, responderam a um questionário sobre atitudes em relação aos atletas veteranos e ao desempenho desses atletas. Os autores observaram, de modo geral, atitudes positivas dos estudantes em relação aos atletas veteranos de atletismo. As atitudes das estudantes foram mais positivas do que as dos homens, o que está de acordo com pesquisas sobre diferenças de gênero nas crenças sobre o envelhecimento.

Outro aspecto relevante é a intersecção entre idadismo e gênero. Os dados da presente pesquisa indicam que as mulheres foram mais atingidas por práticas discriminatórias, enquanto os homens foram mais identificados como os que as praticaram. Essa associação sugere que o preconceito etário pode estar atravessado por uma sobreposição de preconceitos de gênero, idade e raça, ampliando a vulnerabilidade de mulheres idosas em ambientes esportivos.

De acordo com Grubba¹⁸, OMS, em 2021, enfatizou que o idadismo frequentemente se entrelaça e interage com outras formas de preconceito, estereótipos e discriminação, tais como o sexismo e o racismo. Este reconhecimento aponta para a complexidade e a natureza multifacetada do idadismo e mostra que ele não ocorre isoladamente, mas sim em conjunto com outras formas de desigualdade e discriminação na sociedade. Assim, mulheres idosas, especialmente negras, podem se encontrar em uma situação de vulnerabilidade ampliada, resultado da interação entre idadismo, sexismo e racismo.

Os efeitos do preconceito de idade e os efeitos negativos do racismo foram comparados por Butler com base na classe social que discutiu essas interseções e outras formas de discriminação e desempoderamento³¹. Em trabalhos subsequentes, Butler comparou o preconceito de idade ao sexismo e ao racismo e argumentou que o preconceito de idade é manifestado por atitudes, comportamentos, práticas institucionais e políticas dirigidas em relação às pessoas idosas.

No caso da pesquisa, a ausência, nos relatos analisados, de marcadores sociais de raça e gênero restringiu a profundidade das interpretações, dificultando uma abordagem interseccional mais robusta sobre o idadismo. A incorporação desses elementos teria potencial para enriquecer a compreensão do fenômeno e ampliar o alcance crítico da investigação.

Quanto aos espaços em que o idadismo foi mais frequente, o ginásio e a sala de GMF foram os mais citados, seguidos pela piscina, o que aponta locais estratégicos para intervenções pedagógicas. Esse dado sugere que ambientes de prática coletiva e de exposição física podem ser mais propensos a episódios de discriminação etária.

No estudo de Leedahl *et al.*³², com estudantes universitários que participaram de um programa intergeracional de aprendizagem digital com pessoas idosas, observaram-se mudanças nos estereótipos dos alunos sobre o público idoso e o envelhecimento.

Ainda, de acordo com a OMS, em 2021, deu-se início a uma Campanha Global de Combate ao Idadismo, sendo apoiada pelos 194 Estados Membros. Uma das recomendações desta campanha é aprimorar os dados e as pesquisas para obter uma melhor compreensão do idadismo e de como reduzi-lo. Três intervenções vêm se mostrando eficazes: contato intergeracional, políticas públicas e atividades educacionais.

Sendo assim, programas intergeracionais que reduzem estereótipos etários podem ser promovidos em espaços de convivência para diminuir os estereótipos prejudiciais dos jovens e adultos e garantir um tratamento respeitoso às pessoas idosas em todos os ambientes sociais e profissionais, além de poder aumentar o interesse por áreas relacionadas ao envelhecimento.

Os achados desta pesquisa também dialogam diretamente com os objetivos da Década do Envelhecimento Saudável (2021–2030), especialmente quanto à promoção de ambientes inclusivos e ao combate aos estereótipos negativos sobre o envelhecimento. A atuação dos profissionais de Educação Física, nesse contexto, deve ser pautada por uma abordagem centrada na pessoa, respeitando suas singularidades e promovendo o envelhecimento ativo e saudável.

Algumas limitações da pesquisa devem ser consideradas. O uso de formulário eletrônico na coleta de dados pode ter incentivado respostas mais sucintas e menos detalhadas, limitando a profundidade das informações obtidas. Gravações para os relatos foram permitidas, porém, ninguém utilizou este recurso. Entrevistas presenciais ou semiestruturadas poderiam ter permitido um maior aprofundamento nas narrativas e na

exploração das nuances das experiências relatadas. Não foram ouvidos outros funcionários nem o público frequentador das unidades. Neste caso, investigações futuras poderiam seguir neste caminho, possibilitando uma compreensão mais abrangente e sistêmica do fenômeno.

Apesar dessas limitações, a pesquisa apresenta contribuições significativas ao trazer o idadismo ao centro do debate no campo da atividade física e do esporte, área em que o tema ainda é pouco explorado. Ao promover essa discussão entre profissionais da área, o estudo contribuirá para ampliar o debate e fomentar a desconstrução de preconceitos etários em contextos que envolvem práticas corporais, cultura, lazer e, sobretudo, a convivência entre diferentes gerações. Seus achados também oferecem subsídios relevantes para a formulação de políticas públicas voltadas à promoção da equidade etária, fortalecendo ações inclusivas e socialmente comprometidas, especialmente nos espaços e programas de atividades físicas e esportivas.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa evidenciou, de forma clara, como o idadismo se manifesta em ambientes esportivos. Como implicação prática, formas de sensibilizar e conscientizar o público e os profissionais para o assunto são necessárias. Além disso, estratégias de formação permanente para profissionais de Educação Física são importantes.

O idadismo, ainda pouco reconhecido e amplamente tolerado pela sociedade, é uma forma de discriminação que costuma passar despercebida, mesmo quando presente em espaços que deveriam promover inclusão e respeito. Os resultados desta pesquisa não apenas lançam luz sobre esse preconceito silencioso, como também podem impulsionar o debate público e o avanço científico ao revelar como estereótipos, atitudes discriminatórias e exclusões baseadas na idade se manifestam no cotidiano de unidades

institucionais voltadas à cultura, à educação, ao esporte, ao lazer e à saúde. Ao evidenciar essas práticas naturalizadas, o estudo contribui para romper a invisibilidade do tema e para fomentar ações mais justas e intergeracionais.

No âmbito acadêmico, os achados deste estudo podem servir de base para futuras investigações sobre o idadismo na realidade brasileira, especialmente a partir dos relatos de profissionais que atuam com diferentes públicos. Além disso, tais evidências podem subsidiar ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas ao enfrentamento e à prevenção do idadismo em espaços dedicados ao lazer, à prática de atividades físicas e ao esporte, contribuindo para a promoção de ambientes mais inclusivos e equitativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030 nas Américas. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>. Acesso em: 10 dez. 2022.
2. NEMMERS, Theresa M. The influence of ageism and ageist stereotypes on the elderly. *Physical & Occupational Therapy in Geriatrics*, New York: The Haworth Press, v. 22, n. 4, p. 1-21, 2004. DOI: 10.1300/J148v22n04_02.
3. SIMÕES, Luís Miguel Alves. Envelhecimento e idadismo: representações sociais das pessoas mais velhas. 2024. Dissertação (Mestrado em Sociologia – Especialização em Estruturas e Dinâmicas Sociais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2024.
4. BUTLER, R.N. (1969). Age-Ism: Another Form of Bigotry. *Gerontologist*, 9, 243-246.
5. PALMORE, E.B. (1990). *Ageism, Negative and Positive*. New York: Springer Publishing. Company.
6. TRENTHAM, Barry L.; NEYSMITH, Sheila M. Exercising senior citizenship in an ageist society through participatory action research: a critical occupational perspective. *Journal of Occupational Science*, v. 25, n. 2, p. 174–190, 2017. DOI: 10.1080/14427591.2017.1402809.
7. KUSY, K.; ZIELIŃSKI, J. Speed endurance training reduces the age-related differences in sprint performance between master and young athletes. *Journal of Human Kinetics*, v. 32, p. 33–43, 2012. DOI: [10.2478/v10078-012-0029-4](https://doi.org/10.2478/v10078-012-0029-4).
8. HelpAge International. Older women’s lived experiences of gendered ageism. 2023.
9. LEVY, Becca R. The role of structural ageism in age beliefs and health of older persons. *JAMA Network Open*, v. 5, n. 2, 2022. DOI: 10.1001/jamanetworkopen.2021.47802.
10. NAKAMURA J.S., HONG J.H., SMITH J., et al. Associations between satisfaction with aging and health and well-being outcomes among older US

- adults. *JAMA Netw Open*. 2022;5(2):e2147797. doi:10.1001/jamanetworkopen.2021.47797.
11. MOREIRA, R. M.; TEIXEIRA, R. M.; NOVAES, K. O. Contribuições da atividade física na promoção da saúde, autonomia e independência de idosos. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, v. 8, n. 3, p. 254-263, 2016.
 12. PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C. de Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. E. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
 13. OLIVEIRA, P.B.R.; GAMA, R.P. Roda de conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na pesquisa em educação. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 13, n. 2, p. 1–14, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/REPOD-v13n2a2024-71286>.
 14. LOPES, Rosana Vieira; TYRRELL, Maria Antonieta Rubio. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 241-247, abr./jun. 2008.
 15. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Relatório mundial sobre o idadismo. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275724453>. Acesso em: 4 set. 2025.
 16. MUNTSANT, A. et. al. The Spanish Intergenerational Study: Beliefs, Stereotypes, and Metacognition about Older People and Grandparents to Tackle Ageism. *Geriatrics*, Basel, v. 6, n. 3, p. 87, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2308-3417/6/3/87>.
 17. ARAÚJO, P. O. *et al.* Ageísmo direcionado às pessoas idosas em serviços de saúde: uma revisão de escopo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*,

- Ribeirão Preto, v. 31, e4021, 2023. Disponível em: <https://www.eerp.usp.br/rlae>. DOI: [10.1590/1518-8345.6727.4021](https://doi.org/10.1590/1518-8345.6727.4021). Acesso em: 5 set. 2025.
18. GRUBBA, A. C. M. F. Etarismo no mercado de trabalho brasileiro: uma análise exploratória. 2024. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo.
 19. JIN, B.; HARVEY, I.S. Ageism in the fitness and health industry: a review of the literature. *Journal of Aging and Physical Activity*, Champaign, IL: Human Kinetics, v. 29, p. 99–115, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1123/japa.2019-0230>.
 20. MEISNER, B. A. A meta-analysis of positive and negative age stereotype priming effects on behavior among older adults. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences & Social Sciences*, v. 67, n. 1, p. 13–17, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbr062>.
 21. BLANCATO, R. B.; PONDER, M. The public policies we need to redress ageism. *Generations*, v. 39, n. 3, p. 91–95, 2015.
 22. BENNETT, T.; GAINES, J. Believing what you hear: the impact of aging stereotypes upon the old. *Educational Gerontology*, v. 36, n. 5, p. 435–445, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/03601270903212336>.
 23. LEVY, B. Stereotype embodiment: a psychosocial approach to aging. *Current Directions in Psychological Science*, v. 18, n. 6, p. 332–336, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01662.x>. PubMed ID: 20802838.
 24. NG, R.; ALLORE, H.G.; TRENTALANGE, M.; MONIN, J.K.; LEVY, B.R. Increasing negativity of age stereotypes across 200 years: evidence from a database of 400 million words. *PLoS One*, v. 10, n. 2, e0117086, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0117086>. PubMed ID: 25675438.
 25. PACKER, D. J.; CHASTEEN, A. L. Looking to the future: how possible aged selves influence prejudice toward older adults. *Social Cognition*, v. 24, n. 3, p. 218–247, 2006. DOI: [10.1521/soco.2006.24.3.218](https://doi.org/10.1521/soco.2006.24.3.218). Disponível em: [APA PsycNet](https://doi.org/10.1037/1089-2916.24.3.218).
 26. GREENLEES, I. A.; HALL, B.; MANLEY, A.; THELWELL, R. C. How older adults are perceived is influenced by their reported exercise status. *Journal of*

- Aging and Physical Activity*, v. 19, p. 279–290, 2011. Disponível em: [ResearchGate – artigo completo](#). Acesso em: 5 set. 2025.
27. NELSON, T. D. Preface. In: NELSON, T. D. (Ed.). *Ageism: stereotyping and prejudice against older adults*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002. p. ix–xiv.
28. CUDDY, A.J. C.; FISKE, S.T.; GLICK, P. Warmth and competence as universal dimensions of social perception: the Stereotype Content Model and the BIAS Map. In: ZANNA, M. P. (Ed.). *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press, 2008. v. 40, p. 61–149.
29. HONORATO, A. S. et al. Currículo, envelhecimento e saúde nos cursos de educação física: estudo nas universidades estaduais do Paraná. In: *Tópicos em Ciências da Saúde*. v. 8. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2019. ISBN 978-85-7042-150-0. DOI: 10.36229/978-85-7042-150-0.
30. VOWELS, M.R.; CRANDALL, K.J. A descriptive study of exercise science students' knowledge of, and attitudes toward, older adults. *KAHPERD Journal*, v. 51, n. 2, p. 66, [s.l.]: Western Kentucky University, [s.d.].
31. AYALON, Liat; TESCH-RÖMER, Clemens (Ed.). *Contemporary perspectives on ageism*. Cham: Springer Open, 2018. (International Perspectives on Aging, v. 19). ISBN 978-3-319-73819-2. ISBN 978-3-319-73820-8 (eBook). DOI: [10.1007/978-3-319-73820-8](https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8).
32. LEEDAHL, S.N. et al. Reducing ageism: changes in students' attitudes after participation in an intergenerational reverse mentoring program. *Sustainability*, v. 12, n. 17, p. 6870, 2020. DOI: [10.3390/su12176870](https://doi.org/10.3390/su12176870).

Declaração sobre disponibilidade de dados

Os dados que sustentam as conclusões deste estudo estão integralmente apresentados no corpo do artigo e/ou em seus materiais suplementares. Não foram gerados ou utilizados conjuntos de dados adicionais que exijam disponibilização em repositórios externos.

Contribuição de autoria

As contribuições individuais dos autores para a concepção, desenvolvimento, análise e redação deste trabalho são as seguintes:

Neide Alessandra Périgo Nascimento: Conceituação, desenvolvimento da pesquisa, levantamento bibliográfico, redação – rascunho original, revisão e edição do texto, metodologia.

Rosângela Villa Marin Mio: Desenho metodológico, curadoria de dados, análise estatística, redação – revisão crítica.

Douglas Roque Andrade: Administração do projeto, análise formal, conceituação, metodologia, recursos, validação, redação – revisão crítica.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse relacionados à publicação deste artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.